

---

## **Públicos e suas formas de denegação: explorações sobre a dinâmica coletiva do negacionismo<sup>1</sup>**

Márcio Simeone HENRIQUES<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Minas Gerais, MG  
Laura Nayara PIMENTA<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Alagoas, AL

### **RESUMO**

O trabalho faz uma exploração acerca de aspectos da dinâmica coletiva do negacionismo. A partir da ideia de que o silêncio coletivo acerca de temas embaraçosos constitui uma forma de denegação, onde os públicos se eximem de discutir publicamente acontecimentos e fatos visíveis, são levantadas outras possibilidades de comportamentos dos públicos como modalidades diversas onde se manifesta a denegação e compõem nuances das dinâmicas coletivas do negacionismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** relações públicas; públicos; negacionismo.

Os fenômenos da desinformação e do negacionismo assumem uma importância crescente e chamam a atenção sobre si pelos seus efeitos, tanto quanto por um conjunto de problemas que a eles associamos, quando pensamos nas interações no espaço público. É notório que a evolução dos meios sociotécnicos com as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) produziram enormes impactos neste sentido. Isso representa grandes desafios para o campo de estudos que se dedica a compreender a dinâmica dos públicos e da opinião pública - num processo de relações públicas - e as lógicas que compõem esses fenômenos sob o ponto de vista praxeológico, ou seja, das ações/interações no âmbito coletivo que dão os contornos de um espaço público em movimento.

Nunca é tarefa fácil compreender essas dinâmicas, que se revestem de uma complexidade sistêmica e não podem ser reduzidas a causas ou efeitos únicos ou mínimos e que se mostram no comportamento de públicos na sociedade. Todavia, um olhar mais profundo sobre as interações em si pode ajudar a entender aspectos importantes da experiência coletiva dos públicos. Desta forma, consideramos importante tratar desses fenômenos como sendo um conjunto de práticas (a) não-redutíveis - que não podem ser decompostas e isoladas a algum elemento absoluto e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Relações Públicas e Comunicação Organizacional, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Comunicação Social da UFMG, e-mail: simeone@ufmg.br.

<sup>3</sup> Professora do Curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Alagoas., e-mail: lanapi05@gmail.com

(b) reflexivas - que tanto agem sobre a realidade e suas condições como são condicionadas por ela. Perseguindo esta ideia, propomos olhar neste trabalho mais especificamente para o fenômeno do negacionismo. Trata-se da negação em acreditar em informações estabelecidas nos campos histórico e científico, baseadas em evidências. A Academia Brasileira de Letras<sup>4</sup> o define como "atitude tendenciosa que consiste na recusa a aceitar a existência, a validade ou a verdade de algo, como eventos históricos ou fatos científicos, apesar das evidências ou argumentos que o comprovam".

Nosso olhar para o fenômeno se dá a partir das teorias sobre os públicos e a opinião pública. Consideramos que os públicos são “formas abstratas e dinâmicas de experiência e de sociabilidades que se formam em função da problematização de acontecimentos e ações que afetam os sujeitos, [...] e existem em referência tanto a outros públicos quanto às instituições” (Henriques, 2017, p. 54). Sob esta perspectiva, o que nos instiga é compreender como certos públicos adotam este tipo de atitude e de como buscam expressá-la publicamente, influenciar outros públicos pela generalização de suas posições em termos de formação de opinião pública.

Neste trabalho partimos da ideia de negação presente na obra “O elefante na sala”, de Eviatar Zerubavel (2006), motivados a ir além dela. Este autor descreve um aspecto importante ligado a uma situação em que, apesar de todas as evidências, públicos podem se recusar a expressá-las e discuti-las publicamente. Isso acontece com frequência diante de assuntos que potencialmente possam causar embaraços ou consequências muito desagradáveis, e pode ser fruto de traumas, de situações muito assustadoras ou de tabu arraigados à cultura.

O que o autor caracteriza como uma “conspiração de silêncio” (preferimos denominar “pacto de silêncio”) gera, assim, uma forma de negar a realidade. Ele chega mesmo a descrever esta forma como manifestação pública por excelência da negação: “na verdade, a forma mais pública da negação é o silêncio” (Zerubavel, 2006, p. 4, tradução nossa<sup>5</sup>). Entretanto, esta situação, e os comportamentos a ela associados, não são a única forma em que se manifesta a negação da realidade. Queremos, então, explorar outras situações e possibilidades que orientem as atitudes do público diante delas, dando forma às suas expressões públicas, com o fito de expandir a compreensão da dinâmica negacionista. A própria metáfora do elefante na sala - algo plenamente

<sup>4</sup> <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/negacionismo>

<sup>5</sup> No original: Indeed, the most public form of denial is silence.

---

visível que os sujeitos deliberadamente tentam evitar - nos será útil para apresentarmos essas situações e especularmos sobre as várias nuances dessa dinâmica.

A experiência do negacionismo, tal qual a consideramos aqui como fenômeno de opinião pública, guarda certamente íntima correlação tanto com a denegação psíquica individual (Freud, 1996) quanto com os aspectos negativos triviais componentes das argumentações em controvérsias públicas. Isso porque, como comportamento coletivo, não pode ser dissociado das sensações e emoções subjetivas, nem tampouco da experiência coletiva de públicos que manifestam suas opiniões e atitudes a partir de qualquer elemento da realidade posto em problematização e discussão. São estes motores importantes para essa dinâmica. Assim, para nosso objetivo, tratamos de considerá-la uma atitude de recusa deliberada da existência de algo (objeto ou acontecimento) apesar de todas as evidências. É um processo reconhecível, portanto, na expressão dos públicos, ou seja, estamos considerando o que conseguimos perceber em termos de manifestação sistemática e tendenciosa dos públicos no espaço público.

Desta forma, o eloquente silenciamento de alguns públicos (ou mesmo da maior parte deles) sobre um dado aspecto visível da realidade, como na alegoria do “o elefante na sala”, é uma das formas pelas quais essa dinâmica de negação acontece, ou seja, a indiscutibilidade expressa, de algum modo, essa rejeição da própria realidade. Essa visão de comportamento coletivo não se explica tão somente pelo conjunto de comportamentos individuais. É pelas interações entre esses indivíduos, pelas suas percepções e opiniões compartilhadas, pela influência de uns sobre os outros, pela imitação, pelas suas relações com as organizações e instituições e a intervenção de inúmeras mediações é que se forma uma atitude comum e reconhecível à qual podemos aplicar a qualidade de “negacionista”. Ela reflete tanto uma predisposição a negar a existência de algo quanto tomadas de posição e ações efetivas guiadas por esta posição. Assim, como Zerubavel (2006) destaca, há uma estrutura social da negação, quando a tratamos na perspectiva da comunicação no espaço público. Ao falar de negação, Zerubavel a invoca para além do modo como foi concebida por Freud originalmente, uma noção que denota um fenômeno intrapessoal. Ele trata a negação tanto como fruto de esforços individuais quanto coletivos, considerando que as conspirações de silêncio

“pressupõem a negação mútua, pela qual pelo menos duas pessoas colaboram para evitar conjuntamente o reconhecimento de algo” (idem, p. 4, tradução nossa<sup>6</sup>).

Como destaca Cohen (2001), a negação não é somente um mecanismo psicológico ou tampouco um processo social universal. Ela envolve múltiplos estados, tanto para os sujeitos quanto para as sociedades. O autor argumenta que as declarações de negação são afirmações de que algo não aconteceu, não existe, não é verdade ou não se sabe. Ou seja, o fenômeno é bem mais complexo, se manifesta em diversos comportamentos e pode se dar simultaneamente sob várias formas, das quais destacamos seis na Tabela 1. As instituições, inclusive a imprensa, podem servir-se delas como pontos de argumentação para reforçar esse pacto e para justificar eventualmente sua inação.

**Tabela 1** - Variantes comportamentais de negação dos públicos

Situação	Comportamento dos públicos
Há um elefante na sala, mas fingimos que não percebemos e não o reconhecemos (Pacto de silêncio).	Desconsideração
Há um elefante na sala, mas evitamos falar sobre ele.	Evitação
Há um elefante na sala, mas não o problematizamos ou o minimizamos.	Menosprezo
Há um elefante na sala, mas não é problema meu. Não nos envolvemos ou nos comprometemos com ele.	Descomprometimento
Há um elefante na sala, mas juramos que é um rinoceronte. Temos uma percepção distorcida.	Distorção
Há um elefante na sala, mas não acreditamos no que percebemos. Cremos que é apenas uma ilusão, uma percepção enganosa ou fantasiosa.	Ilusão

Fonte: Elaborado pelos autores

Os dois primeiros casos - desconsideração e evitação - são típicos fenômenos do elefante na sala do qual Zerubavel (2006) fala, em que deliberadamente as pessoas fingem não notar o que está evidente ou evitam falar e reconhecer a situação. Assim, não nega propriamente o que está sendo percebido, mas, por vários motivos, é melhor não reconhecer coletivamente e manifestar-se em público sobre aquilo. Sim, há um elefante, ele está na sala, mas é melhor fingir que não o percebemos ou o reconhecemos, é melhor esquivar-se de falar sobre ele. Assim, ele não se torna objeto de expressão

<sup>6</sup> No original: Conspiracies of silence presuppose mutual denial, whereby at least two people collaborate to jointly avoid acknowledging something.

---

pública. Este silêncio deriva, dentre outras coisas, da tentativa de evitar a dor, situações desagradáveis, mal-entendidos ou que se corrompam crenças e valores fortemente arraigados.

Sobre o menosprezo, este indica a ação de considerar o “elefante” como inferior ou sem importância. Quando alguém demonstra menosprezo pela situação problemática, está manifestando uma atitude de falta de reconhecimento do seu valor de afetação. Essa atitude pode ser expressa por meio de palavras, ações ou comportamentos que visam diminuir ou rebaixar o objeto de seu menosprezo. Neste comportamento os públicos percebem e reconhecem a presença do elefante na sala, mas agem no sentido de não problematizá-lo publicamente ou de minimizar sua capacidade de afetação. Esse comportamento também pode ser infundido nos públicos por alguns agentes de influência (organizações, políticos, influenciadores, etc.), principalmente por meio da desinformação, no esforço de disseminar dúvidas e desconfianças nos públicos quanto à situação problemática.

No que diz respeito ao descomprometimento, é perceptível que os públicos reconhecem a presença de um "elefante na sala", mas demonstram falta de compromisso ou envolvimento em discuti-lo. Esse estado de negação reflete uma espécie de apatia social, influenciada por diversos fatores. A desconfiança nas instituições, especialmente devido à percepção de corrupção ou ineficiência, contribui para esse cenário. Além disso, a sobrecarga de informações, principalmente pela exposição excessiva a notícias negativas, também pode gerar fadiga, desânimo e inação. O individualismo, a fragmentação social e a tendência ao narcisismo nas sociedades contemporâneas também contribuem para essa falta de comprometimento.

A distorção e a ilusão são dois fenômenos que dizem respeito a alterações nas percepções dos sujeitos. Referem-se à maneira deturpada como uma pessoa vê, ouve, sente ou pensa sobre um estímulo real presente no ambiente externo. Ao transpormos tais fenômenos para o comportamentos dos públicos, negar a evidência pressupõe percebê-la como algo fantasioso, negando a própria percepção, ou seja, não acreditar no que os próprios sentidos informam. Vemos o elefante, ele realmente existe, mas não cremos que ele esteja na sala e creditamos isso a uma ilusão ou sonho. Quando estamos diante de algo muito extraordinário, é comum que, num primeiro momento se manifeste

---

a indiferença, porém, a persistência da percepção nos leva em algum momento a expressar e compartilhar o que percebemos, em busca de confirmação.

Um aspecto importante que podemos acrescentar é que este pacto de silêncio não existirá apenas pela percepção e vontade dos públicos, como uma decisão própria - ainda que coletivamente pactuada de modo tácito. Isso pode ser induzido e estimulado com base num jogo de influência e persuasão. É preciso lembrar que o campo das relações públicas e da propaganda se especializou em técnicas de influência social que agem sobre os públicos e podem gerar aspectos que interferem em ambas as formas que tratamos aqui, buscando interferir tanto na regulação da expressão no espaço público, quanto nos próprios elementos de percepção dos públicos. No primeiro caso, cuida de orientar os potenciais de fala e de credibilidade no espaço público e no segundo age diretamente sobre os aspectos afetivo-emocionais, sobre o imaginário e, conseqüentemente, sobre os modos de perceber e interpretar a realidade.

Não se pode negligenciar o papel desse jogo de influência social na constituição do espaço público, tanto quanto sobre o comportamento dos entes privados em público, seja nos aspectos morais que conformam um ambiente para as interações coletivas nesse nível, quanto no que se refere à difusão de imagens e opiniões. Assim, os públicos podem também ter uma percepção totalmente distorcida do objeto ou fenômeno evidente. É quando o elefante pode ser qualquer outra coisa (um gato, um rinoceronte ou um saco de batatas). Também aqui estamos no domínio do engano da mente, onde negamos o que percebemos e eventualmente somos levados não ao silêncio, mas a expressar de modo distorcido o que percebemos.

## REFERÊNCIAS

COHEN, Stanley. **States of Denial**: Knowing about Atrocities and Suffering. Cambridge: Polity Press, 2001.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Edição Standard Brasileira, Vol. XIX: [1923-1925]. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HENRIQUES, Márcio S. As organizações e a vida incerta dos públicos. In: MARQUES, A.; OLIVEIRA, I.; LIMA, F. (Org.). **Comunicação Organizacional**: vertentes conceituais e metodológicas V. 2. Belo Horizonte: Selo PPGCOM, 2017.

ZERUBAVEL, Eviatar. **The elephant in the room**: silence and denial in everyday life. New York: Oxford University Press, 2006.